



O papel da vontade em Descartes e Hobbes

Pablo Petravicius Vieira (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Paulo Ricardo Martines (Orientador), e-mail: pablopetravicius@live.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes/Maringá, PR.

Filosofia: Metafísica

Palavras-chave: Vontade, Moral, Modernidade.

Resumo

Esta pesquisa estudou as concepções de vontade em Descartes e Hobbes, dois autores cujas teses filosóficas inauguram a ética moderna, seja pela perspectiva racionalista ou empirista, respectivamente. A posição de Descartes reforça a ideia da vontade como sinônimo de livre-arbítrio, sendo fundamental para sua teoria da liberdade, reforçando o ideal moral de que a vontade deve seguir as evidências concebidas pelo entendimento, ainda que isso não seja absolutamente necessário. Hobbes, por sua vez, irá oferecer a crítica mais violenta à tese da vontade como apetite racional, atribuindo a vontade a característica de ser o último momento na deliberação, sendo justamente a paixão que encerra a liberdade. As obras que foram mais especificamente ponderadas para a análise da noção de vontade foram as *Meditações Metafísicas* (4ª Meditação) de René Descartes e o capítulo VI do *Leviatã*, no caso de Thomas Hobbes.

Introdução

O presente resumo expandido tem como desígnio apresentar os resultados alcançados na análise das concepções de vontade presentes nas filosofias de Descartes e Hobbes. No âmbito da filosofia cartesiana, examinamos a relação da vontade com o entendimento presente na 4ª meditação das *Meditações Metafísicas*. Para tanto, primeiramente, situamos historicamente o pensamento do filósofo francês para compreender algumas prováveis razões que possibilitaram o surgimento desta filosofia propriamente moderna. Em segundo lugar, analisamos um tema de teodiceia, aquele da existência do erro, examinando tanto os argumentos metafísicos e





psicológicos com a finalidade de compreender a natureza do espírito do sujeito pensante (Descartes, *Meditações Metafísicas*, IV). Por fim, estudamos a equivalência da faculdade da vontade com o livre-arbítrio (Teixeira, 1990, pg. 52), buscando entender a concepção de Descartes sobre a liberdade e seus diferentes aspectos desenvolvidos em suas obras com o intuito de apreender como é possível exercer certa sabedoria e virtude a partir do bom uso das faculdades do espírito.

Por outro lado, no âmbito da filosofia de Hobbes, mais especificamente presente no livro VI da primeira parte do *Leviatã*, primeiramente, analisou-se o modo de surgimento das paixões a partir da sensação dos objetos da experiência sensível com ênfase na paixão da curiosidade (Hobbes, *Leviatã*, VI). Posteriormente, se compreendeu o processo de deliberação, em que as diversas paixões estão justapostas em série com o intuito de avaliar as consequências para uma determinada ação, sendo, ainda, esse processo como o sinônimo de liberdade, em que o poder de escolha ainda está preservado até, por fim, o surgimento da vontade, que é propriamente o encerramento da deliberação e, conseqüentemente, da liberdade (Leivas, 2005, pg. 105).

Estas duas etapas da pesquisa foram relevantes para o propósito final de estabelecer as relações filosóficas entre Descartes e Hobbes, sendo possível comparar estes pensadores e alcançar, na medida do possível, certo entendimento não só da ética moderna, mas de duas das principais correntes filosóficas que teorizam o conhecimento, a saber, o racionalismo e o empirismo.

Revisão de Literatura

Para o estudo e a apreciação das obras filosóficas foram analisadas, em primeira instância, as obras originais traduzidas para o português, a saber, as *Meditações Metafísicas* de Descartes e o *Leviatã* de Hobbes, sendo por meio de fichamentos e leituras durante todo o processo de pesquisa. Em outro momento, foram analisadas outras obras secundárias que interpretam os pensamentos de tais autores, com o intuito de desmembrar suas concepções e elaborar consequências, aprofundando cada vez mais e amadurecendo ainda mais a análise filosófica. Além do mais, todo esse processo envolveu também a leitura de textos em outras línguas (em francês e em inglês), com o intuito de desenvolver a prática de leitura filosófica em língua estrangeira e, até mesmo, o exercício de ler e interpretar a obra em





seu formato original, tal como fora escrito pelo autor. Por fim, desenvolveu-se o texto final como elaboração dos resultados atingidos.

Resultados e Discussão

Esta pesquisa teve como resultado fundamental a compreensão dos mecanismos do conceito de vontade dentro das teorias apresentadas, debatendo outros tantos aspectos e temas que esse conceito, devido sua relevância para as discussões filosóficas, envolve, como, por exemplo: liberdade, deliberação, verdade, escolha e etc. Além de me propiciar, enquanto estudante, a prática de pesquisa na filosofia, sendo os conhecimentos conquistados de valor inestimável.

Conclusões

Na concepção cartesiana, a vontade tem a capacidade de se determinar, com o intuito de afirmar ou negar entre um ou outro de dois contrários de acordo com aquilo que o entendimento lhe apresentar como bom ou verdadeiro e ser a faculdade ativa do espírito, isto é, a faculdade que movimenta o espírito com a intenção de concatenar as ideias concebidas pelo entendimento (Teixeira, 1990, pg. 52), ou ainda de se manter em indiferença quando não possui razões suficientes para optar, embora este seja o menor grau de liberdade e não siga o dever moral de se determinar segunda a razão, pois em absoluto, a vontade pode agir sem pressupô-la. Entretanto, para Hobbes, a vontade não pode tirar o movimento de si mesma, ou seja, não pode ser sua própria causa. Isso porque tudo é movimento e todo movimento tem uma causa precedente, portanto, a vontade é um efeito de outra coisa que não ela mesma, a saber, os movimentos das paixões que, por sua vez, se iniciaram nos sentidos que foram afetados pelos objetos externos e assim por diante (Leivas, 2005, pg. 104).

Similarmente, enquanto para Descartes a vontade desempenha função essencial para a elaboração de uma teoria da liberdade, sendo ela mesma sinônimo de livre-arbítrio, a concepção de Hobbes se opõe completamente, pois, neste caso, a vontade põe fim a liberdade, sendo totalmente causada pelas paixões precedentes que estavam presentes no processo de deliberação, onde a liberdade consistia em ainda poder fazer ou não fazer, onde a série de paixões ainda esta aberta e ainda há liberdade de escolher, pois a vontade é o último instante que precede uma ação e encerra a





liberdade de escolher porque ela mesma já é uma escolha concluída. Se em Descartes vontade é poder afirmar ou negar e seguir ou fugir algo, em Hobbes, a vontade encerra a possibilidade fazer ou não fazer. Assim, percebe-se facilmente que são duas concepções distintas e inconciliáveis sobre a vontade que determinaram toda a discussão precedente na modernidade, influenciando todos os grandes autores até Kant.

Agradecimentos

Agradeço meu orientador Paulo Ricardo Martines, por me propiciar a oportunidade de estudar e realizar esta pesquisa segundo seus oportunos direcionamentos. Agradeço também minha família, por prover todas as condições de vida em seus mais diversos âmbitos. Similarmente, agradeço a Gabriela Holanda Prezotto e amigos. Agradeço, por fim, à Universidade Estadual de Maringá pela bolsa de iniciação científica.

Referências

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução de Jacob Guinsburgh e Bento Prado Jr., prefácio e notas de Gérard Lebrun. Coleção Os Pensadores. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril, 1973. (Coleção Os pensadores).

TEIXIRA, Lívio. **Ensaio sobre a moral de Descartes**. São Paulo: Brasiliense; 1990.

LEIVAS, Cláudio Roberto Cogo. **Representação e vontade em Hobbes**. UFRS–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas–Programa de pós-graduação em filosofia. Porto Alegre: 2005.

